

## A INFLUÊNCIA DA LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS CRIANÇAS

### THE INFLUENCE OF CHILDREN'S AFRO-BRAZILIAN LITERATURE IN CONSTRUCTION OF THE CHILDREN'S IDENTITY

Gilmara Santos Mariosa UERJ<sup>1</sup>  
Maria da Glória dos Reis – CES JF<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este texto tem como propósito abordar o tema da construção de identidade da criança negra, por meio de um olhar para as literaturas que perpassam o cotidiano da escola. Tal abordagem foca-se, fundamentalmente, na possibilidade de refletir sobre a maneira como as literaturas que abraçam a cultura africana permeiam o universo das bibliotecas de sala. Neste contexto, aborda-se o histórico da cultura afro, pensando em questões que contribuíram para que concepções sobre esta cultura fossem formadas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola; Identidade; Literatura Afro; Crianças.

**ABSTRACT:** This text aims to address the issue of identity construction of black children, through a look at the literature that permeate the schools' daily life. This approach focuses primarily on the possibility of reflecting on how the literatures which embrace African culture permeate the world of room libraries (books that are maintained in the classroom so that children can get along with them). In this context, we approach the african culture background, thinking about issues that contributed to conceptions of this culture were formed.

**KEYWORDS:** School; Identity; African Literature; Children

### Introdução

A construção da identidade da criança é algo que vai passar inevitavelmente pelos referenciais que forem a ela apresentados. Neste aspecto, destacamos principalmente, os brinquedos, os personagens de desenho animado e as histórias infantis. Há duas formas de as crianças entrarem em contato com estas histórias: uma, é através da oralidade e a outra através dos livros. Tanto em uma como em outra a criança vai deparar com os personagens principais, os heróis, as mocinhas, os animaizinhos, os príncipes e as princesas, as fadas, dentre outros. O que encontramos nestas histórias são personagens de origem europeia, mocinhas brancas e frágeis esperando por príncipes, também brancos, que irão salvá-las.

As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada, achando que só serão aceitas se aproximarem-se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro.

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (gilmaramariosa@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior - CES-JF (mgreis@estadao.com.br)

Neste texto pretendemos discutir como um trabalho com literatura afro-brasileira, onde os heróis são referenciados em histórias como protagonistas negros, pode contribuir, tanto para a construção da identidade e da auto-estima de crianças negras como para a valorização da convivência na diversidade com a criança branca.

## A literatura infantil

A literatura infantil é essencial no processo de aprendizagem de crianças, especialmente da leitura da escrita. De acordo com Silva (2010), “o ato de ler e ouvir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade”.

A humanidade tem necessidade de se comunicar e, portanto, de contar histórias. Compartilhar experiências tem significação para todo o grupo. “É comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas” (Jovino 2006:3).

A literatura infantil se constituiu como gênero literário durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico. A arte, incluindo-se aí a literatura, não poderia ficar imune às transformações sociais. A palavra funciona como veículo para a leitura, mobilizando a percepção sensorial, o pensar, o sentir e o agir dos indivíduos, bem como dos seus grupos sociais de pertença.

Conforme Zilberman (2005) no final do século XIX, o surgimento dos primeiros livros infantis veio para atender às solicitações, indiretamente formuladas, de um determinado grupo social emergente, uma classe média urbana em ascensão. Surge então, neste período, um novo mercado reivindicando escritores para atendê-lo. Porém, a ausência de uma tradição na produção literária infantil os faz buscar, como alternativa, a tradução de obras estrangeiras direcionadas aos adultos e que foram adaptadas às crianças.

O Brasil continuou sob influência da Europa, tomando para si contos infantis da tradição popular de lá originados. Alguns até hoje são conhecidos como *As aventuras de João e Maria*, *A Bela Adormecida*, *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* dentre outros. Estes eram contados por adultos, até que homens como Charles Perrault (1628-1703) na França, Jacob (1785-1863) Wilhelm (1786-1859) Grimm, na Alemanha, transcreveram-nas e publicaram, visando ao público infantil. (Zilberman, 2005).

Já no Brasil, relata Zilberman (2005), os candidatos foram Carl Jansen (1823), com a tradução dos clássicos *Robinson Crusóe* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As Aventuras do Celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891) e *D. Quixote de La Mancha* (1886). Figueiredo Pimentel com *Contos da Carochinha* (1894), Olavo Bilac (1865-1918) com suas poesias e o grande sucessor desse núcleo original, Monteiro Lobato. Este último merece ressalvas em relação à forma estereotipada e preconceituosa com que se refere às personagens de origem negra.

Em um diálogo de seu livro, *Reinações de Narizinho*, é possível constatar o estigma estético, quando Lobato fazia referência ao beijo de Tia Nastácia, animalizando-a [...] A personagem Tia Nastácia é bastante hostilizada, às vezes, pode até ser tratada como membro da família, no entanto, a cozinha é seu habitat natural, e é chamada de negra de estimação, o que reforça a sua inferioridade e a teoria de que negros só

ocupam os papéis de serviçais, malandros, dignos de piedade. (Silva 2010: 29)

Esta autora relata que por estes fatores, o autor foi por muito tempo afastado da literatura infantil, reaparecendo posteriormente, com nova roupagem. A obra de Monteiro Lobato não deve ser rejeitada, mas abordada com visão crítica. Pode assim abrir um leque de discussão sobre a visão do negro na literatura infantil tradicional da época. A literatura é de vital importância para os seres humanos, pois através da arte literária os homens estabelecem vínculos.

A literatura, enquanto arte é um dos caminhos que pode ser percorrido pelo homem na busca de prazer nessas relações. Como sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pode revelar os desejos mais profundos do indivíduo, que por sua vez, se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. Portanto, num movimento também de busca incessante, a literatura-arte, pode abrir múltiplos espaços para novas possibilidades do conhecer. E não se pode tirar da literatura infantil esse papel tão importante na formação do pensamento, pela qual cada adulto já passou ou estará repassando em algum momento da sua vida. (Dionízio 2010: 11)

### **A literatura infantil afro-brasileira**

Com o predomínio de protagonistas brancos na literatura infantil, de acordo com Jovino (2006), no final da década de 20 e início da década de 30 do século XX, os personagens negros começam a aparecer. As histórias, neste período, não retratavam positivamente o negro e sua cultura, ao contrário, reforçavam a imagem dele como subalterno, analfabeto e ignorante.

Conforme Souza (2005), o negro aparecerá desde os seus primórdios, tanto na história quanto na literatura. Porém, o que ocorre é uma sucessão de poetas e romancistas que representam o negro de forma estereotipada e inferiorizada. Os homens e as mulheres negras são apresentados com características de: preguiça, violência, estupidez, superstição, feitiçaria, malandragem, lascividade ou feiura. Aqueles que retratavam o negro com mais simpatia, como Castro Alves, não se identificavam com os mesmos. Eram motivados pelo momento histórico em que viviam e pela classe a qual pertenciam, definindo o negro com uma mistura de idealismo e medo.

Após a abolição, segundo Souza (2005), o discurso sobre o negro como escravo e mercadoria é substituído pelo discurso do negro cidadão. Contudo, ou ele emerge como brutalizado, animalizado, sujo, tentação carnal ou é retratado como bom crioulo passivo. No movimento modernista, a tendência de exaltação dos valores nacionais proporciona a valorização do negro e do índio. Porém, o negro é retratado de forma exótica.

[...] somente a partir de 1975 é que vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência. O resultado dessa proposta é um esforço desenvolvido por alguns autores para abordar temas até então considerados tabus e impróprios para crianças e

adolescentes como, por exemplo, o preconceito racial. O propósito de uma representação mais de acordo com a realidade, nem sempre é alcançado. Embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com a denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper. Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético. Nessa hierarquia, os melhores postos, as melhores condições, a beleza mais ressaltada são sempre da personagem feminina mestiça e de pele clara. (Jovino 2006: 187)

Atualmente, os textos voltados para o público infanto-juvenil, buscam romper com as representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana.

Há também os livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma auto-estima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravização. (Jovino 2006: 216)

Os contos populares, de tradição africana e afro-brasileira são também um importante e significativo modo de preservação da memória e da tradição, apesar de serem pouco valorizados pela literatura. Contudo, a sua importância já é reconhecida. A força desta cultura está na possibilidade de novas experiências para percepção do mundo. Há um crescente número de publicações destas histórias, originadas da tradição oral, o que expressa uma construção de novos paradigmas socialmente construídos.

Um ponto importante de ser abordado na literatura afro-brasileira está no que diz respeito à religiosidade. Não há como abordar a cultura e a tradição afrodescendente sem mencionar a tradição mitológica. Segundo Mariosa (2009), as práticas religiosas de matriz africana, em geral, são associadas ao mal e trazem prejuízos para as pessoas. Isto faz com que a população negra queira ocupar uma posição de distanciamento em relação a elas. Estes equívocos que são ocasionados, principalmente por desconhecimento, podem ser trabalhados na escola, através de contos infantis que abordam esta temática.

A formação do universo pelos orixás e o candomblé em si, parecem ser esquecidos pelos professores, que muitas vezes não vêem com bons olhos as religiões africanas. O resultado dessa intolerância reflete na educação de seus alunos que, por desconhecimento, discriminam a religião e seus seguidores. O problema se torna ainda mais grave se pensarmos que a maioria das escolas brasileiras, quando ligadas a alguma religião, restringem-se ao catolicismo e protestantismo [...] A criança

afrodescendente brasileira só poderá “acender a fogueira” a partir do momento em que se enxergar como parte formadora da sociedade, não como vítima, mas como colaboradora. Tão importante como denunciar a discriminação é apresentar ao universo infantil motivos para se interessarem e valorizarem as culturas africanas (Horta 2010: 6).

A literatura afro-brasileira precisa ser compreendida e valorizada em suas riquezas de abordagens e significados, mas com o devido cuidado para não reproduzir estereótipos e valores etnocêntricos.

A afro-literatura brasileira poderia ser entendida, ainda, como aquela produção que: possui uma enunciação coletiva, ou seja, o eu que fala no texto traduz buscas de toda uma coletividade negra...Para que o livro seja uma obra de referência, não basta trazer personagens negras e abordagens sobre preconceitos. É importante levar em consideração o modo como são trabalhados o texto e a ilustração (Pires; Sousa; Souza 2005: 1).

Os textos atuais relacionados a literatura afro-brasileira são encontrados em maior quantidade e as temáticas são diversas. Sendo assim, é necessário que haja disposição política para que sejam trabalhados de forma assertiva, em ambiente escolar e durante todo o ano letivo e não apenas em novembro, mês da consciência negra, único período no qual a maioria das escolas lembram-se de trabalhar temáticas étnico-raciais.

### **A construção da identidade**

A construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história. Sejam positivos ou negativos. Para Erikson (1972), o senso de identidade é desenvolvido durante todo ciclo de vida, no qual cada indivíduo passa por uma série de períodos de desenvolvimento distintos.

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele. (Erikson 1972: 21)

Portanto, a construção da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio no qual está inserido. Esse autor enfatiza, ainda, que a identidade não deve se vista como algo estático e imutável, como se fosse uma armadura para a personalidade, mas como algo em constante desenvolvimento.

[...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis

à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. [...] Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade. (Silva 2010: 35)

Hall (2005), afirma que a identidade é construída com o tempo, e que, este processo se dá através do inconsciente e não pela consciência do indivíduo no momento do nascimento. Este autor destaca que, sendo a identidade formada ao longo do tempo e da vivência do indivíduo, está sempre sujeita às influências do meio na sua constituição. Estas influências representam os valores pré-estabelecidos, que são absorvidos através da sociedade que o indivíduo pertence.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação “com outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. G.H Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção “interativa” da identidade do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (Hall 2005: 11).

De acordo com autor citado acima, a construção da identidade está sempre em movimento e não pode ser vista de forma cristalizada. As pessoas mudam suas identidades conforme as necessidades do momento. Dentro de cada um existem identidades contraditórias promovendo movimentos em diferentes direções e nos dando oportunidade de mudança. A identidade deve considerar o sujeito sócio histórico, cultural, localizado geograficamente, espacialmente e temporalmente.

Conforme Silva (2010), o papel da escola na escolha dos livros utilizados nas séries iniciais é fundamental. É responsabilidade da escola estar atenta para a escolha do acervo de sua biblioteca, devendo optar por livros que contribuam para a formação de uma identidade positiva do negro e, simultaneamente, proporcionar aos alunos não negros o contato com a diversidade e as especificidades da cultura africana, deixando, assim, para trás, uma visão estereotipada e preconceituosa das idiosincrasias dos referenciais afrodescendentes. Aprendendo a valorizar também as contribuições dos africanos para a cultura brasileira. Portanto, Munanga (2005:16), ressalta:

[...] não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa

memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional [...].

A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real. Então, conforme Abramovich,(1989) para que o indivíduo possa formar a sua própria identidade, ele precisa recriar a realidade e imaginá-la. E nisto a leitura de contos infantis tem contribuição fundamental. Eras e Camargo (2005: 76), ressaltam que:

O negro sempre esteve muito presente neste debate tendo em vista que perseguir essa identidade brasileira passa pela discussão da etnicidade negra e sua contribuição cultural, bem como seus dilemas inseridos na construção da heterogeneidade das relações sociais marcadas no Brasil pelo traço das desigualdades sociais.

Portanto, vital é o reconhecimento da necessidade da valorização da literatura infanto-juvenil, com temáticas culturais afro-brasileira. Para que a identidade das crianças possa ser corroborada tanto por parte dos pais como dos professores neste processo. No qual, segundo Horta (2010), a falta de representação da criança negra fará com que a diversidade não seja contemplada e o processo de branqueamento acabará por deturpar as identidades em formação dos pequenos leitores. O que ocorrerá com as crianças negras é uma ausência de conteúdo que conte sua história e que faça com que, no futuro, elas tendam a transformar-se em adultos problemáticos em suas afirmações como sujeitos. A construção da identidade sofrerá forte influência de todas estas representações sociais. De acordo com Barreiros (2010: 2):

As representações se fazem em processo de comunicação por meio da linguagem, sendo assim, a literatura é campo fértil para a performance desses procedimentos, permitindo aos críticos e leitores construir significações. A língua como instrumento de comunicação entre os indivíduos traduz as representações sócio-históricas e culturais de uma sociedade.

Neste sentido, a produção literária pode oferecer elementos próprios de uma determinada sociedade ou cultura, considerando que tais elementos são representações, muitas vezes, não diretas, que são apresentadas mediante o ponto de vista do outro.

Para Moscovici (1978), as representações sociais estabelecem o espaço das comunicações possíveis, dos valores ou das idéias presentes, nas visões compartilhadas pelos grupos, conduzem e orientam as condutas desejáveis ou admitidas. O autor vê as representações sociais como fenômenos quase tangíveis que circulam e cristalizam-se através de falas, gestos e outros acontecimentos do universo do cotidiano. Elas se posicionam numa encruzilhada entre o psicológico e o sociológico.

Segundo Jodelet (2001), encontramos representações sociais nos discursos, circulando em mensagens da mídia, cristalizadas nas condutas e em organizações. A

autora considera representação social “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum” (Jodelet 2001: 22). Neste sentido, Barreiros (2010: 5), ressalta:

A literatura infantil recente oferece um montante de informações e representações, pelas quais o leitor pode desenvolver a leitura, adquirir novos conhecimentos e valores, auxiliando-o na solução de situações da vida. Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade.

Entendidas dessa maneira as informações apreendidas nas histórias infantis são importantes para auxiliar a compreensão das dificuldades próprias da infância ou, ainda, por possibilitar às crianças encontrar um caminho para a resolução de seus problemas na medida em que se identificam com os personagens das histórias que leem. De acordo com Walter (2009: 39):

[...] é possível problematizar o papel da diferença e das contradições na construção da identidade, já que qualquer processo transcultural reconhece que a identidade é construída por meio de uma negociação de diferenças e que a presença de fissuras, lacunas e contradições é uma parte necessária deste processo.

Para este autor a identidade afro-brasileira é construída com base na assimilação de valores diferentes. Nessa literatura existe a junção entre culturas negra, branca e indígena, sendo assim possível vislumbrar a miscigenação construída e uma contradição necessária para a existência de um ser identitário brasileiro.

### **O papel da escola e dos professores**

Em todo este processo de construção da identidade da criança negra e não negra através da literatura, não há como não ressaltar o papel da escola e dos professores. Através do conteúdo trabalhado em sala de aula e nas bibliotecas, os dirigentes e professores precisam despertar suas consciências para reconhecer a necessidade de um trabalho literário que contemple a diversidade, despertando nos pequenos leitores, senso crítico e discernimento com textos específicos.

Costa, Marisa (2003), analisa as escolas e seus currículos como territórios de produção, circulação e consolidação de significados. Espaços privilegiados de concretização da política de identidade. Aqueles que detêm o poder político acabam por impor as representações e símbolos de sua cultura ao mundo.

Torna-se fundamental a implementação de um currículo que contemple todas as tradições, culturas e referenciais simbólicos que constituem a cultura brasileira, com destaque para um diálogo com as africanidades.

De acordo com Meyer (2003), é preciso estar atento às histórias que estão sendo produzidas dentro da escola e nestes currículos. Perceber se estas histórias são capazes de

construir sentidos de pertencimento ou exclusão, se proporcionam instrumentos de ruptura ou reafirmação de fronteiras raciais e étnicas.

Costa, Marina (2010), ressalta a importância da formação de professores, gestores e os demais envolvidos no processo educacional. Ela cita palavras da coordenadora da área de diversidade do MEC – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) – Leonor Franco, que destaca que o grande problema está no ensino superior, pois esta temática com conteúdo voltado para contemplar a diversidade étnico-racial não consta dos cursos de licenciatura. Por isso, segundo a Secretária “Nossa formação continuada é quase uma formação inicial”.

Trabalhar no conteúdo escolar os mitos dos orixás é fundamental para resgatar a cultura negra e valorizar a auto-estima das crianças afrodescendentes. Os mitos também oferecem um caminho para questionar preconceitos e representações estereotipadas, através de abordagens realizadas por educadores na utilização de textos, tais como de acordo com Fernandes e Ferreira (2009: 5):

- i) Estudos de literatura oral e sua importância para a manutenção/preservação da cultura afro-brasileira;
- ii) poesia e figuras de linguagem;
- iii) conto e estrutura da narrativa;
- iv) recital e teatro;
- v) intertextualidade;
- vi) escritura/reescritura.

Não podemos perder de vista que estes mitos estão presentes no imaginário brasileiro, disseminados, espalhados na música, no cinema, na telenovela, na pintura, nos ritos religiosos, em nossa literatura. Solidificaram-se geração após geração. Há, pois, farto material para trabalhar com nossos educandos.

Os autores ainda ressaltam que os mitos não são percebidos como valor pela cultura ocidental, dificultando ainda mais a possibilidade de uma reeducação com o objetivo de compreender a linguagem mítica.

Segundo Werneck (2003: 11):

*A falta de formação é um processo silencioso, lento, progressivo e cumulativo de noções inadequadas sobre temas-tabu [...] A falta de formação é o alicerce do preconceito [...] Como se dá a falta de formação? Sem o apoio dos adultos, a criança busca mecanismos de atender à sua curiosidade acerca das diferenças individuais. Liga sua possante antena parabólica e começa a captar informações truncadas e estereotipadas dali e daqui, incluindo as da mídia.*

De acordo com esta autora a carência de formação dos alunos resultará em reprodução das atitudes preconceituosas, dos comportamentos discriminatórios e das condutas coletivas de exclusão social. É importante romper com padrões sociais cristalizados e com as práticas invisíveis de reforço negativo.

Essas são estratégias possíveis e subsidiadas pela lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileiras nas escolas públicas (Brasil, 2004):

Art. 26

a) Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º. O conteúdo programático a que se refere o caput deste Artigo, incluirá o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

A lei veio para corroborar com a necessidade de uma educação inclusiva e promoção de uma igualdade de direito, acesso a informação sobre uma história ancestral que proporcione uma quebra na hierarquia das relações inter-étnicas.

### **Considerações finais**

A carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação.

A imagem da África também precisa ser revista. A ideia predominante de que o continente africano é um país e que, de um lado, estão as selvas e do outro os negros doentes e famintos, obviamente, elimina a possibilidade das crianças afrodescendentes se identificarem com a sua origem.

Por tudo isso é fundamental o papel da escola em apresentar uma imagem positiva dos referenciais afro-brasileiros e africanos. Atualmente, já está disponível material literário correspondente. Em meio ao que é produzido é possível encontrar equívocos, cabe aos educadores levantar questionamentos.

A solução surge de uma vontade política em investir na formação de professores. Somente assim será possível, através de educadores preparados, construir um futuro com igualdade de direitos e respeito às diferenças.

### **Referências bibliográficas**

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

BARREIROS, Ruth Ceccon. Leitura e formação identitária na literatura infantil afrobrasileira. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino

e Linguagem UNIOESTE – Cascavel. *Anais...Cascavel*: UNIOESTE, 2010. Disponível em <cac-pph.unioeste.br/.../ ...> Acesso em 7 set. 2011.

BRASIL (2004) *Lei 10639*, 09 de janeiro de 2003. Brasília. DF, 2003.

COSTA, Marisa. *Currículo: nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

COSTA, Marina Morena. *Mau preparo de professor atrapalha ensino de literatura afro*. IG Último Segundo/Educação, São Paulo, 20 de nov. 2010. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/mau+preparo+de+professor+atrapalha+ensino+de+literatura+afro/n1237831259874.html>> Acesso em: 9 set. 2011.

DIONÍSIO, Eliane Rabello Correa. *Desconstrução do preconceito: Menina bonita do laço de fita; de Ana Maria Machado*. 2010. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

ERAS, Lígia Wilhelms; CAMARGO, Wander Amaral. *Notas sobre a trajetória do pensamento sociológico brasileiro e análise na perspectiva étnica negra na formação da identidade nacional*. Revista de Literatura, História e Memória – Revista da UNIOESTE, Cascavel, n.1, p. 77-83, 2005.

ERIKSON, Erick. H. *Identidade, Juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; FERREIRA, Kátia Caroline Souza. *Estudos de mitologia afro-brasileira*. Revista Anagrama - Revista Científica Interdisciplinar da Graduação da USP, São Paulo, n. 3, set-nov 2009. Disponível em <[www.usp.br/anagrama/Fernandes\\_mitologiaafro.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Fernandes_mitologiaafro.pdf)>. Acesso em 2 set. 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HORTA, Marina Luiza. *Colorindo a história: a literatura infantil afro-brasileira de Heloisa Pires de Lima*. Portal Literafro – Revista da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte 2010. Disponível em <[www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/heloisapires/heloisacritica01.pdf](http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/heloisapires/heloisacritica01.pdf)>. Acesso em 3 set. 2011.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006

JODELET, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). (pp.17-44). As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ.

MARIOSA, Gilmara Santos. *Negras Memórias da Princesa de Minas*. Juiz de Fora: Funalfa, 2009.

MEYER, D. Escola currículo e diferença: implicações para a docência. In: Org. BARBOSA, R. L. *Formação de Educadores: Desafios e Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2003.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUNANGA, Kabenguele. (org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PIRES, Rosane de Almeida; SOUSA, Andréia Lisboa; SOUZA, Ana Lúcia Silva . *Afro-literatura brasileira: O que é ? Para quê? Como trabalhar?*. Educom Afro – Publicação da Faculdade de Educação da PUCRS, Viamão, mar. 2005. Disponível em: <[www.pucrs.br/.../educomafro/index1.php?p=afro-literatura](http://www.pucrs.br/.../educomafro/index1.php?p=afro-literatura).> Acesso em: 9 set. 2011.

SILVA, Jerusa Paulino da. *A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva*. 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

SOUZA, Wagner de. *O negro na literatura brasileira*. Revista de Literatura, História e Memória – Revista da UNIOESTE, Cascavel, n.1, p. 47-57, 2005.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.

WERNECK, Cláudia. *Você é gente? O direito de nunca ser questionado sobre o seu valor*. Rio de Janeiro: Wva, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2005.

---

**Artigo recebido em 11 de setembro de 2011 e aprovado em 16 de novembro de 2011**